



## A PARÓDIA DE *A RAKE'S PROGRESS* POR DARCY PENTEADO

Claber Borges Campos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende analisar a paródia no conto: *A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social*, de 1975, escrito por Darcy Penteado. Ele deixou claro a sua intenção paródica na epígrafe do conto. *A Rake's Progress*, um conjunto de oito gravuras, foi criado por *William Hogarth* em 1735. As teorias usadas na fundamentação do artigo serão: o texto *Reflexões críticas sobre a poesia e a pintura* de Jean-Baptiste Du Bos; e o conceito de paródia de *Gérard Genette*, retomado por *Tiphaine Samoyault* no seu livro *A Intertextualidade*. O objetivo é relacionar o conto de Penteado com as imagens e os textos nas gravuras de Hogarth. Os dois trabalhos são mordazes, Seus autores revelam aspectos sociais que as pessoas não gostam que sejam expostos abertamente.

**Palavras-chave:** Paródia. Darcy Penteado. *William Hogarth*.

*Escrevo porque esta atividade me proporciona um grande prazer estético. Se o meu trabalho agrada a uma minoria, sinto-me gratificado. Se isso não acontece, não sofro. Quanto à multidão, não desejo ser um romancista popular. É fácil demais.*

*Oscar Wilde, 9 de julho de 1890, em defesa de Dorian Gray.*

Darcy Penteado nasceu, na cidade de São Roque (SP), em 1926. Foi pintor, cenógrafo, ilustrador, escritor, etc. Sua carreira profissional começou aos dezesseis anos. Publicou seu primeiro livro de contos, em 1976, intitulado *A Meta*. Seguido por *Crescilda e os Espartanos* (1977), que contém duas novelas e cinco contos; *Teoremambo: delito delirante para coro e orquestra* (1979); e o romance *Nivaldo e Jerônimo* (1981). Foi um participante ativo do jornal *O Lampião*, e defensor dos direitos dos homossexuais durante a ditadura militar. Faleceu em São Paulo, no dia 2 de dezembro de 1987, vitimado pela AIDS. Penteado é mais lembrado como um grande ilustrador ou como ativista homossexual. Este artigo tenta resgatar o nosso primeiro autor assumidamente homossexual, com uma escrita, também, homossexual.

Darcy Penteado ilumina detalhes do “gueto” a que a maioria gostaria que o homossexual fosse circunscrito: mostra que, exatamente como os heterossexuais, os “diferentes” também temem o envelhecimento, a barriga, as rugas, a dentadura. Que trocam de parceiros com a idade, que são

---

<sup>1</sup> Bacharel em Letras Português pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Licenciado em Letras Português/Literatura pelo Centro Universitário São Camilo. Cursando a licenciatura de Língua e Literatura Inglesa (UFES). Cursando a Especialização em Ensino e Interdisciplinaridade – História e Literatura: texto e contexto (UFES). E-mail: [claberborges@yahoo.com.br](mailto:claberborges@yahoo.com.br).

generosos ou covardes, requintados ou cafonas, superficiais ou sensíveis. O seu é o gesto de uma rebeldia camusiana contra a transformação de um ser humano — o homossexual ou o negro, ou o judeu, ou a mulher — num objeto, por isso ele grita com sinceridade: “Mas disfarçar por quê? O quê?”. Revela para os não-iniciados [sic], o mito machista do homossexual que faz “tudo” mas só se ele for o ativo e em troca de bom dinheiro.

(RIBEIRO, 1976, p. 14)

Esse estudo abordará a paródia feita por Penteado de uma obra de Wiliam Hogarth (1697-1764). Primeiramente uma breve apresentação do pintor e da sua obra: *A Rake's Progress*. Depois uma contextualização, utilizado o texto de Du Bos, da necessidade de cada gravura ter uma poesia como legenda. A seguir a definição de paródia. E finalizando, a relação do conto com as gravuras de Hogarth, enfatizando a paródia com os poemas de cada gravura.

William Hogarth nasceu em 10 de novembro de 1697. Começou sua vida do nada. Era filho de um empobrecido, medíocre e desprezado escritor. Seu pai tinha um projeto de criar uma Coffee House para se conversar em Latim. Suas dívidas o levaram para a prisão Fleet. Hogarth, conseqüentemente, deixou a escola para ser aprendiz de gravador de placas de prata. Contudo, estava determinado a sair da pobreza. Montou sua própria oficina de gravador — cartões e diferentes coisas baratas que as pessoas usavam no dia a dia. Isso logo o levou para sua verdadeira vocação, que eram as estampas satíricas. Ele conheceu e se casou com a filha de Sir James Thornhill, um pintor inglês de temas históricos ao estilo do barroco italiano. Hogarth voltou-se para a pintura. Numa tentativa de entrar no lucrativo mercado, no século XVIII, de retratar pessoas da moda. Mais tarde, por seu próprio mérito, consagrou-se como um retratista e em pinturas históricas. Mas foi com seus trabalhos "Assuntos Morais Modernos", que Hogarth ganhou uma vida respeitável e é, principalmente, lembrado por eles. Eram gravuras sobre um conto, dramatizando uma sequência de eventos, que compunham uma série. As quais eram vendidas por assinatura. (GOLLNER, acesso em 5 jun. 2012, tradução nossa).

Em sua série "A Progress Rakes" (1735), William Hogarth conta a estória de Tom Rakewell que herdou uma grande herança do seu pai e como ele a gastou de forma irresponsável. É um conto sobre moralidade e de como o protagonista se comporta em relação aos outros. Geralmente, a principal personagem tem o livre arbítrio para determinar seu destino. (CUMING MUSEUM, acesso em 5 jun. 2012, tradução nossa). Hogarth pintou oito quadros e oito gravuras. Os quadros são: 1 — The Heir; 2 — The Levée; 3 — The Orgy; 4 — The Arrest; 5 — The Marriage; 6 — The Gaming House; 7 — The Prison; 8 — The Madhouse. E as gravuras são: 1 — The young heir takes possession of the miser's effects; 2 — Surrounded by artists and professors; 3 — The

tavern scene; 4 — Arrested for debt; 5 — Married to an old maid; 6 — Scene in a gaming house; 7 — The prison scene; 8 — In the madhouse. Para visualizar os quadros e as gravuras é só acessar [http://en.wikipedia.org/wiki/A\\_Rake%27s\\_Progress](http://en.wikipedia.org/wiki/A_Rake%27s_Progress). “O Dr. John Hoadly, filho do bispo de Winchester, foi contratado por Hogarth para compor um poema descrevendo cada gravura. Para, depois, ser gravado embaixo de cada uma delas, como uma legenda.” (VOOGD, 1981, p. 70, tradução nossa).

Estudos, relacionando as artes plásticas e a literatura, existem desde a antiguidade clássica. Simonides de Céos (556 a.C. – 468 a.C.) escreveu o aforismo “A pintura é poesia muda e a poesia é pintura que fala.” (JUNIOR, 2009, p. 104, acesso em 8 jun. 2012). Porém, esse tratamento igualitário às duas formas de representação artísticas não foi unânime. Leonardo da Vinci (1452-1519), no *Tratado da pintura* (1490-1517), escreveu:

Não vês tu que o olho abraça toda a beleza do mundo? [...] Ele é a janela do corpo humano por onde a alma contempla a beleza do mundo e se contenta, aceitando assim a prisão do corpo, que, sem tal poder, seria seu tormento; a indústria humana deve-lhe a descoberta do fogo por meio do qual o olho recupera o que as trevas lhe tiraram. Ele ornamentou a natureza com a agricultura e os jardins aprazíveis. Mas será preciso elevar e alongar assim o meu discurso. Quais são as coisas que o olho não executa? Ele desloca os homens de leste a oeste, ele inventou a navegação, ele ultrapassa a natureza cujas obras são finitas, enquanto que as obras executadas pelas mãos sob seu comando são infinitas, como o demonstra o pintor na criação de uma infinidade de formas de animais, ervas, plantas e lugares.  
(VINCI, 2005. p. 18-19).

Na concepção de Vinci, a pintura é superior a qualquer forma de arte. Entretanto, Jean-Baptiste Du Bos (1670-1742), em *Reflexões críticas sobre a poesia e a pintura* de 1719, pensava de forma diferente. No seu trabalho, ele não coloca uma hierarquia entre as artes. “Para ele, a pintura de história é a única a igualar de fato o pintor ao poeta trágico nos dois domínios que correspondem à mais nobre definição da arte: a representação das ações humanas e a expressão das paixões.” (DU BOS, 2005, p. 60). Du Bos e Hogarth são contemporâneos. E *A Rake's Progress* é um trabalho que representa ações humanas, que usa a poesia trágica como legenda das suas gravuras. Essa técnica é validada por Jean-Batiste Du Bos quando escreveu:

Por várias vezes, me surpreendeu que os pintores, têm grande interesse em fazer com que reconheçamos os personagens que escolhem para nos emocionar e que devem com a ajuda do pincel, não anexassem uma breve legenda a seus quadros de história. Três quartos dos espectadores, que, aliás, são perfeitamente capazes de fazer justiça à obra, não são suficientemente eruditos para adivinhar o tema do quadro. Este, para eles, às vezes é como uma pessoa bonita e agradável, mas que fala uma língua incompreensível; logo se entediam de olhá-lo, pois a duração dos prazeres de que o intelecto não participa é muito curta. A sensibilidade dos pintores góticos, por mais grosseira que fosse, fez com que reconhecessem a utilidade das legendas para a compreensão do tema dos quadros. É bem verdade que fizeram dessa prática um uso tão bárbaro quanto aquele que fizeram de seus pincéis. Devido a sua preocupação curiosa, faziam sair da boca de suas figuras rolos em que escreviam o que pretendiam que essas figuras indolentes dissessem; isso consistia, literalmente, em fazer as figuras falar. Os rolos a que me refiro foram aniquilados junto com o gosto gótico; contudo,

alguns dos maiores mestres julgaram necessário, por vezes, acrescentar duas ou três palavras para melhor compreensão do tema de suas obras — e não tiveram escrúpulo em escrevê-las num canto do plano de seus quadros onde não estragavam coisa alguma. Rafael e Carracci o fizeram; Coypel até colocou passagens de versos de Virgílio na galeria do Palis Royal para facilitar a compreensão dos temas que extraía da *Eneida*. **Já os pintores, cujas obras são gravadas, começam a perceber a utilidade das legendas e colocam-nas na parte inferior das gravuras feitas a partir de seus quadros.**

(DU BOS, 2005, p. 65-66, grifo nosso).

Darcy Penteado anuncia que seu texto é uma paródia na epígrafe do conto:

Londres, abril de 1735:

O pintor, desenhista e gravador William Hogarth, súdito inglês, solteiro, com 38 anos, presumivelmente não vacinado, prepara em seu atelier os originais da série de gravuras “A carreira de um libertino”, satirizando costumes londrinos da sua época.

São Paulo, abril de 1975:

O pintor, desenhista, gravador e escritor clandestino Darcy Penteado, cidadão brasileiro, solteiro, com 48 anos, vacinado contra a meningite, tendo mesmo participado de um vídeo-tape incentivando a vacinação, prepara em seu apartamento-atelier um trabalho no gênero daquele feito por Hogarth, só que escrito em vez de gravado, satirizando costumes paulistanos da sua época.

(PENTEADO, 1976, p. 65)

Na apresentação que Penteado fez do gravador inglês há um problema. Hogarth fugiu para se casar Jane Thornhill em 1729 (FEEDBACK, acesso em 7 jun. 2012). Sendo assim, o inglês era casado e não solteiro. Quem sabe se a paródia não começou desde a epígrafe? Segundo Genette (apud SAMOYAUULT, 2008, p. 53), “*Ôdè*, é o canto; *para*: “ao longo de”, “ao lado de”; *parôdein*, de paródia, o que seria (portanto?) o fato de cantar ao lado de, portanto de cantar falso, [...], ou ainda cantar num outro tom: deformar, pois, ou transpor uma melodia.” Com essa definição, o texto parodiado (hipotexto) tem que ser reconhecido no hipertexto. A paródia no hipertexto pode “ser lúdica e subversiva [...] ou ainda admirativa; o exercício repousa sempre, de fato, sobre textos canonizados.” (SAMOYAUULT, 2008, p. 53-54). Mas como um leitor poderia fazer a conexão do texto de Penteado com *A Rake’s Progress* de William Hogarth? Penteado usou do mesmo artifício de Hogarth. O que é epígrafe? “Título ou frase que, colocada no início de um livro, um capítulo, um poema etc., serve de tema ao assunto ou para resumir o sentido ou situar a motivação da obra.” (HOUAISS, 2001, p. 1179). Para um pintor, ou um estudioso, a relação com o trabalho de Hogarth poderia ser clara. Mas a maioria dos leitores não teria acesso ao hipotexto. Penteado, sabiamente e sutilmente, colocou uma legenda no seu conto através da epígrafe. Seu texto é uma paródia admirativa ao trabalho de Hogarth.

O narrador relata a estória como um observador. Segundo Massaud Moisés:

O narrador, ou o autor, evita de intrometer-se na história, e desenvolve-a como observador que pode vislumbrar o máximo segundo a perspectiva em que se coloca, porém dentro dos limites de suas características pessoais. [...], esse enfoque suspende ou diminui a penetração psicológica em favor da ação, de modo a tornar a narrativa mais linear, menos complexa.

(MOISÉS, 1997, p. 71).

A narrativa começa na sexta-feira à noite, com o protagonista se arrumando para uma festa. Depois ele faz um flashback da semana, começando na segunda e indo até sexta-feira à tarde, retornando para a noite de sexta-feira e sai para a festa. As gravuras, com suas legendas, serão relacionadas com passagens do texto.

1) *The young heir takes possession of the miser's effects*: Tom Rakewell chega em casa depois de herdar sua fortuna. A cena é cheia de detalhes sobre a riqueza que tem sido acumulada. No conto a riqueza está na passagem a seguir: “Fazia parte da boa educação que convém às pessoas “bem”, desde antes da geração da mãe, falar corretamente o francês. Na geração da mãe, [...], o francês bem falado era imprescindível. Inglês nem tanto parecia até meio cafona”. (PENTEADO, 1976, p. 66). O primeiro verso do poema é: “O Vanity of Age, untoward”<sup>i</sup> (CROCKFORD, 1971, p. 70). Ela representa muito bem este fragmento:

Olhou-se no espelho e concluiu, assim enrolado, que ainda estava com corpo bastante jovem, sem barriga, nem “pneumáticos” na cintura. Tinha um pouquinho, sim! Pelo excesso de programas, negligenciara com a ginástica durante toda a semana e o resultado aparecera logo: os músculos laterais da cintura haviam afrouxado levemente. Seria preciso compensar com um regime alimentar saudável no week-end e esticar os músculos no esquí-aquático. Rapidamente, ainda, considerou o volume do seu sexo marcando o veludo da toalha. “Um bom volume, pensou. É deprimente ser homossexual de pau pequeno. Também tenho as pernas um pouco curtas, comparadas com o tamanho do torso. [...]” (PENTEADO, 1976, p. 67-68).

Os últimos versos: “That youthful Mind with Freedom mend, / And with ye. Father mix the Friend?”<sup>ii</sup> (CROCKFORD, 1971, p. 70). Elas estão relacionadas à retrospectiva da segunda-feira: “Arnold fora chamado ao Rio afim de posar para edição especial que a *Vogue Uomo* prepara sobre o Brasil. Foi prevista uma semana de trabalho fotográfico e como iam ficar esse período sem se ver, tiveram uma “despedida” deliciosa...” (PENTEADO, 1976, p. 70).

2) *Surrounded by artists and professors*: Tom está em sua luxuosa casa em Londres, vestindo roupas caras. Ele tenta seguir as maneiras da aristocracia, marcando uma audiência com os comerciantes que fornecem seus luxos. Na narrativa, terça-feira, um ex-amante, “antes do jantar dessa noite apareceu-lhe no apartamento, inesperadamente.” (PENTEADO, 1976, p. 71). Nota-se que o autor subverte a cena da gravura. O rico libertino tem que se adaptar com a visita inesperada. Os terceiro e quarto versos podem servir de mote para o que aconteceu na terça. “How soon, Sweet foe, can all thy Train / Of false, gay, frantic, loud & vain,”<sup>iii</sup> (CROCKFORD, 1971, p. 80). Na transposição para a narrativa, o resultado é o trecho a seguir:

um ex-amante de alguns anos atrás. Era o seu gênero: forte, torso musculoso, ar esportivo, pernas de jogador de futebol. Jogava futebol amador, aliás. Ainda estava bem bonito (por que deveria ter ficado feio ou gordo, só porque haviam terminado?) [...] Ambos haviam jantado pouco de propósito. Ele preparou dois *whiskies*, foram para o quarto e fizeram sexo na meia

claridade — a exata — do tubo de vidro iluminado, onde uma bolha de cera avermelhada sobe e desce.  
(PENTEADO, 1976, p. 71).

3) *The tavern scene*: Tom, no fim de noite de bebedeiras e combates. Ele está na Taverna Rosa no Covent Garden. O homossexual *bon-vivant* também está bebendo, mas em outro local. “nos seus quarenta e cinco anos; considerou que era mais um dia da sua vida que estava passando, passando, passando depressa, e depressa lembrou que seria mais gostoso, **para variar, ir “caçar” numa sauna.**” (PENTEADO, 1976, p. 72, grifo nosso). Os dois primeiros versos estão presentes no texto de quarta-feira. “O Vanity of Youthfull Blood, / So by Misuse to poison Good!”<sup>iv</sup> (CROCKFORD, 1971, p. 90). Na narrativa, esses versos, podem ser a motivação dessa passagem:

Foi ao bar para uma batida de vodka e lá encontrou o japonês, lutador de Karatê com quem já fizera uma vez ali na sauna, o que fora muito gostoso.

— Oi, falou, como vai? Está se lembrando de mim?

O outro respondeu com um sorriso japonês. Não se lembrava, claro, mas disse um “asso que sim, nô?” Falava pouco e mal o português. Era bonito, o máximo que um japonês pode ser bonito para o nosso gosto ocidental: pequeno e entroncado como uma árvore, músculos talhados em pedra, pau pequeno, mas uma bunda divina. E dentes perfeitos, todo ele enfim de uma estrutura saudável — mas era o mito do exotismo pulando na “cuca” de outro, o que fazia o japonês mais atraente aos seus olhos. [...]

Foram para o apartamento e fizeram com a luz avermelhada, na meia claridade — a exata — do tubo de vidro, com a bolha de cera subindo e descendo.

(PENTEADO, 1976, p. 72)

4) *Arrested for debt*: Tom está sendo levado pra a prisão, por dívidas, quando uma antiga namorada aparece e paga seus débitos. A gravura não tem nada haver com a narrativa de Penteado. Contudo, os últimos dois versos são quase transcritos no início da lembrança da quinta-feira. “Call back his guilty Pleasures dead, / Whom he hath wrong’d, & whom betray’d.”<sup>v</sup> (CROCKFORD, 1971, p. 100). O narrador conta como a personagem ficou após a ligação do seu amante: “Ficou tão satisfeito de ter recebido o telefonema do amante [Arnold] que decidiu não fazer nada, com ninguém mais, até a volta do outro. “Seca total”, ordenou-se” (PENTEADO, 1976, p. 72).

5) *Married to an old maid*: Tom casou-se com uma viúva rica que era cega de um olho. Começou a gastar o dinheiro dela para entrar para a alta sociedade. Essa gravura, também, não há relação com o conto. Mas há no poema, do quarto ao sexto verso, uma relação com tarde de quinta-feira. “T’avoid less Shame of lean Distress? / Gold can the Charms of youth bestow, / And mask Deformity with Shew;”<sup>vi</sup> (CROCKFORD, 1971, p. 110). O depravado não aguenta sustentar sua decisão matinal:

Mas no meio dessa tarde enquanto estava trabalhando no escritório, teve uma irresistível vontade de rever um rapaz, “caso” de um seu amigo e com quem já “agitara” uma vez, não vez, não fazia muito tempo. De repente lhe ocorrera que seria ótimo repetir a dose. Pegou o telefone duas vezes, mas deixou-o relutante.

O outro gostara da aventura anterior, mas não concordava muito com o sistema adotado por ele. Haviã conversado, ainda deitados lado a lado e o rapaz aceitava ter relações com outro, mesmo

tendo alguém fixo, tanto assim que aquiescera ao convite, mas não se ajustava a ideia de fazê-lo com naturalidade, sem se remorder de remorsos. E no fundo não se aceitava bem como homossexual, esse era o seu bloqueio maior. (PENTEADO, 1976, p. 72-73).

6) *Scene in a gaming house*: Na tentativa de fazer mais dinheiro porque estava gastando muito, Tom vai a um clube de jogo em Covent Garden. E acaba perdendo toda a fortuna de sua esposa. Outra vez, não há conexão dessa gravura com o conto. Mas há uma intertextualidade dos versos (10º ao 12º) com o final das lembranças de quinta-feira. “Friendship Stoops to prey on Friends; / Health, that gives Relish to Delight, / Is wasted with ye. Wasting Night.”<sup>vii</sup> (CROCKFORD, 1971, p. 118). O devasso rompe a sua promessa e se encontra com outro ex.

Com esse rapaz, tudo só poderia significar harmonia. Eles se aconchegaram um ao outro e as coisas foram acontecendo. Quando depois, o decorador voltou despido do banheiro ele, ainda deitado, recomeçou a observá-lo.

— Você é bonito, sabe? É um bonito que não é bonito, mas que é bonito. Tem uma forma estranha de ter beleza.

O outro riu e ele continuou olhando e fazendo para si mesmo considerações sobre o harmonioso equilíbrio daquele corpo. Descendo, parou os olhos nas pernas. “Cruzes”, pensou gritando, os tornozelos são mesmos grossos ou é impressão minha? Como não reparei nisto antes? — Mas o rapaz, que não percebera o susto, vestiu as calças com muita naturalidade e os tornozelos desapareceram, como num passe de mágica.

(PENTEADO, 1976, p. 74).

As gravures 7) *The prison scene* e 8) *In the madhouse* não tem nenhuma relação com o conto. A primeira mostra Tom Rakewell na prisão de Fleet, a mesma onde ficou o pai de Hogarth. Ele perdeu todo o dinheiro da sua esposa, e até que ele quite suas contas. A segunda, e última gravura, mostra que Tom está no hospício Bedlam. Despojado de suas roupas e do seu prestígio social. Essa instituição era aberta aos visitantes mediante o pagamento de um ingresso. A cena retrata, também, uma dama da aristocracia e sua criada apreciando a desgraça alheia. A ironia é que Tom, que sempre tentou imitar o estilo de vida aristocrático, acabou se transformando num divertimento para os aristocratas. Mas os poemas dessas gravuras são representados no conto.

A parte do poema da sétima gravura a ser trabalhada é a seguinte:

Happy, the Man, whose constant Thought  
(Tho in the School of Hardship taught,)  
Can send Remembrance back to fetch  
Treasures from Life's earliest Stretch:  
Who Self-approving can review  
Scenes of past Virtues that Shine thro'  
The Gloom of Age, & cast a Ray,  
To gild the Evening of his Day!<sup>viii</sup>  
(CROCKFORD, 1971, p. 125)

Penteado teceu um belo momento de visitação ao passado do engenheiro:

É curioso que Arnold, alemão, seja moreno. Quando se pensa em alemão, vê-se logo um Siegfried louro. E foi o que lhe ocorreu quando Arnold telefonara há oito meses atrás, apresentado por um amigo do Rio.

Não, não tinha sido assim. Primeiro ele imaginou que fosse algum alemão velho e chato, só depois foi que resolveu removê-lo, dando-lhe um aspecto de Siegfried louro. Tudo isso pelo telefone, lembrava-se bem.

Vinha trabalhar em São Paulo e conhecia pouca gente por aqui. A apresentação fora intencional porque o amigo carioca sabia o quanto o engenheiro gostava de gente bonita, mas só deu mesmo pela coisa depois que viu. Pelo telefone, ele estava atarefado no escritório, com aquela porção de negócios à resolver, Gênero bem paulista e não prestou muita atenção ao que o alemão dizia, tendo marcado com o estrangeiro um drinque à noite, no apartamento. Imaginara então que fosse mais um desses “bolhas”, quase sempre bichas estrangeiras, de meia idade, que é preciso ciceronar por São Paulo. Já se viu subindo ao alto do Edifício Itália para mostrar ao turista a monstruosidade que é esta cidade, ou passeando entre cobras no Butantã.

A aparição foi encantadora. Abriu a porta e teve à sua frente um garotão de quase um metro e noventa de altura, olhos escuros e oblíquos, sorridentes às vezes, meio assustados outras.

Sotaque de alemão em pessoa morena é de um “charme” danado, e ele notou logo isto. O engenheiro estava disponível desde que terminara um caso desajustado, há algumas semanas atrás e o alemão viria a calhar...

Arnold tinha avós latinos de um lado que, não se sabe como, foram parar na Alemanha, daí o seu aspecto mediterrâneo. A altura veio por conta do sangue alemão ou de muito cálcio que lhe deram em criança. Isto tudo e mais o restante da história da sua família, Arnold contou-lhe depois, quando já estavam morando juntos e iam cedo para a cama a fim de ver velhas fotografias, conversar e se conhecer melhor...

(PENTEADO, 1976, p. 75).

O último fragmento do poema da oitava gravura a ser utilizado é o que se segue:

Cast Doubt of Mercy upon Heaven.  
Shapes of Pleasure, that but Seen,  
Wou'd split the Shaking Sides of Spleen.  
    O Vanity of Age! Here see  
The Stamp of Heaven effac'd by Thee –  
The headstrong Course of Youth thus run,  
What Comfort from this darling Son!<sup>ix</sup>  
(CROCKFORD, 1971, p. 125)

Depois de lembrar como conheceu Arnold e de ter ido à festa, o libertino homossexual resolveu acabar a noite pegando um michê de rua na 24 de Maio:

O oitavo ou nono, quase no fim do quarteirão era entroncado, forte, gênero nortista, aparentando estar pelos dezenove anos. “Este serve”. Parou e tratou.

— Quero cinquenta.

Resolveu que gostaria de ter o prazer de realizar uma boa negociação, por isso pechincou:

— Não posso, andei gastando e só fiquei com quarenta.

— Tá bem. Mas eu só como, num dô.

— Está certo, entre.

Só então foi que reparou que o outro deveria ter menos idade do que pensara.

— Tenho dezessete. Vim do interior, mas minha família é do norte.

A calça *jeans* estava descorada e notava-se que era desbastada por necessidade, mais que por ser moda. A camisa fora lavada, porém, faltara o ferro de passar; mas o corpo razoavelmente moldado, disfarçava como podia as deficiências da roupa.

Conduziu o carro para fora do centro da cidade, à procura de uma rua escura. Decidiu não levá-lo para o apartamento, o que seria muito demorado e pouco compensador pelo que era. [...]

— Vamo fazê aqui?

Notou então que sem querer, encontrara a tal rua escura e que estavam debaixo de uma árvore.

— Sim, pode ser...

O rapaz começou a desabotoar-se:

— Você num pode mesmo me dá os cinquenta? Ia me “quebrá o galho”.

De repente o homem voltou a ficar interessado na possibilidade de um negócio diferente. E só o pensar nisso, aumentou-lhe a emoção:

— Pago sessenta se você der.

— Apareceu mais dinheiro agora, ô “chapa”?

— Tenho mais vinte guardados no porta-luvas.

— Pô! Mas eu nunca dei antes...



— Começa agora, e daí? Aceita?

(Um momento de hesitação).

— Tá bom, mas sessenta mesmo, num tem essa coisa de depois num querê pagá.

— Pago, lógico! Você está me achando com cara de quê?

O rapaz gemeu muito. Deveria ser mesmo um iniciante.

“Não foi nada de muito especial”, conclui ele depois, meio enojado. Mas fora excitante poder aviltar o outro até aquele ponto. Assim sendo, compensara. Pagou, soltou-o de volta no centro da cidade e decidiu, desta vez em definitivo, que iria para casa dormir.

(PENTEADO, 1976, p.87-88).

Concluindo, Darcy Penteado presta uma homenagem e revive a série de gravuras *A Rake's Progress* de William Hogarth. Além de expor o gueto homossexual paulistano da sua época. Penteado desenha, como um pintor, os poemas de John Hoadly no seu texto. Além de aproveitar algumas cenas das gravuras para urdir a trama do seu conto. O leitor, do artigo, mais atento, deve ter percebido que não foi feita uma relação da oitava gravura, onde uma dama com sua criada pagam para ver a miséria de Tom Rakewell, com a cena do engenheiro onde ele diz: “Mas fora excitante poder aviltar o outro até aquele ponto.” (PENTEADO, 1976, p. 88). Isso ocorreu porque durante toda a análise, a proposta fora de estabelecer um paralelo de Tom e o engenheiro. Penteado inverte a ordem do hipotexto mais uma vez. Não havendo, portanto, uma transposição da gravura para o texto. Depois de todos os acontecimentos na semana do engenheiro homossexual, “ele fez os seus esportes costumeiros [em Guarujá] e, nesse fim de semana descansou **como um justo ou melhor, como Deus no sétimo dia, depois de ter criado mundo.**” (PENTEADO, 1976, p. 88, grifo nosso). Ele fechou o ciclo. Uma parte do título é: “**A semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social**”. (PENTEADO, 1976, p. 65, grifo nosso). Há vários deuses e definições de deuses, por que um senhor homossexual não pode sentir-se Deus?

## Referências bibliográficas

CROCKFORD, Charles Henry. **Hogarth's "Progresses": A detailed analysis**. 1971. 290f. Thesis. Department of Fine Arts, The University of British Columbia, Vancouver.

CUMING MUSEUM. **Education resource pack**. Disponível em: [http://www.kingston.gov.uk/hogarth\\_teachers\\_pack.pdf](http://www.kingston.gov.uk/hogarth_teachers_pack.pdf). Acesso em: 5 jun. 2012.

DU BOS, Jean-Baptiste. Reflexões sobre a poesia e a pintura. In: LICHTENSTEIN, Jacqueline (Org.). **A pintura — Vol. 7: O paralelo das artes**. São Paulo: Ed. 34, 2005. p. 60-73.

EPÍGRAFE. In: HOUAISS, Antônio. et al. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1179.

GOLLNER, Joe. **The Satiric Art of William Hogarth**. Disponível em: [http://jgollner.typepad.com/files/the\\_satiric\\_art\\_of\\_william\\_hogarth\\_jgollner\\_1987.pdf](http://jgollner.typepad.com/files/the_satiric_art_of_william_hogarth_jgollner_1987.pdf). Acesso em: 5 jun. 2012.

JUNIOR, Neurivaldo Campos Pedrosa. Estudos interartes: uma introdução. **Raído — Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, Dourados, v. 3, n. 5, p. 103-111, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/viewFile/161/224>. Acesso em: 8 jun. 2012.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Prosa I**. São Paulo: Cultrix, 1997.

PENTEADO, Darcy. A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social. In: \_\_\_\_\_. **A Meta**. São Paulo: Símbolo, 1976. p. 65-88.

RIBEIRO, Leo Gilson. Prefácio. In: PENTEADO, Darcy. **A Meta**. São Paulo: Símbolo, 1976. p. 13-15.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008. p. 52-54.

VINCI, Leonardo da. Tratado da pintura. In: LICHTENSTEIN, Jacqueline (Org.). **A pintura — Vol. 7: O paralelo das artes**. São Paulo: Ed. 34, 2005. p. 17-27.

VOOGD, Peter de. **Henry Fielding and William Hogarth: The Correspondences of the Arts**. Amsterdam: Rodopi, 1981. p. 70.

WILLIAM HOGARTH. In: FEEDBACK. **HumanitiesWeb.org**. Disponível em: <http://www.humanitiesweb.org/spa/tg/ID/99>. Acesso em: 7 jun. 2012.

- 
- <sup>i</sup> Oh! Vaidade da idade, inesperada  
(tradução nossa)
- <sup>ii</sup> Que a jovem mente com a liberdade restaurada,  
e com você. Pai juntar-se com o amigo?  
(tradução nossa)
- <sup>iii</sup> Até quando, doce inimigo, poderá com toda sua comitiva  
de falsos, alegres, insanos, glamorosos e insignificantes,  
(tradução nossa)
- <sup>iv</sup> Oh! Vaidade do sangue da juventude,  
Assim, através do abuso, envenena o Bom!  
(tradução nossa)
- <sup>v</sup> Chame de volta sua culpa Prazeres mortos,  
Quem tem errado, e quem tem sido traído  
(tradução nossa)
- <sup>vi</sup> Como evitar ao menos a vergonha da atraente angústia?  
O ouro pode conceder os encantos da juventude,  
E esconde a depravação com a pretensão;  
(tradução nossa)
- <sup>vii</sup> A amizade não caça amigos;  
Saúde, que dá prazer para encantar,  
Desperdicei com você?  
Uma noite desperdiçada  
(tradução nossa)
- <sup>viii</sup> Feliz o homem, cujo constante pensar  
(Embora ensinado na Escola do Sofrimento)  
Possa lembrar buscando  
Tesouros do seu passado  
Que a autoaprovação pode rever  
Cenas das virtudes passadas que brilham através  
Da melancolia da idade, e lança um raio,  
Para dourar a noite do seu dia!  
(tradução nossa).
- <sup>ix</sup> Dúvidas da misericórdia no paraíso.  
Formas de prazer, que já foram vistas,  
Seria dividir em partes a agitação da melancolia.  
Oh! Vaidade da idade! Aqui se vê  
O Carimbo do Paraíso apagado por você---  
O curso obstinado da juventude, assim, executa,  
O conforto deste querido filho!  
(tradução nossa).